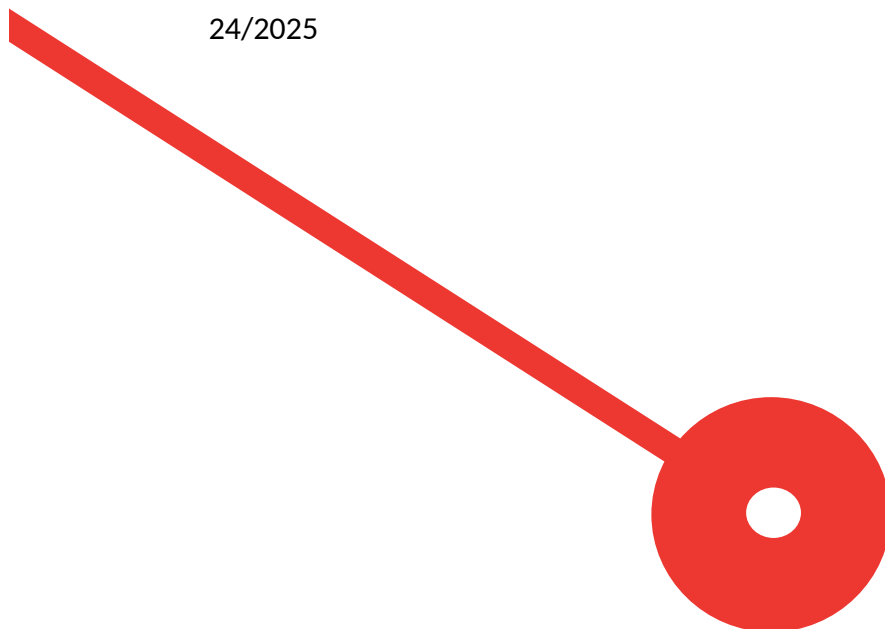


"O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus": Desafios e Estratégias na Tradução para francês

Sarah Manuela Dias Vitorino

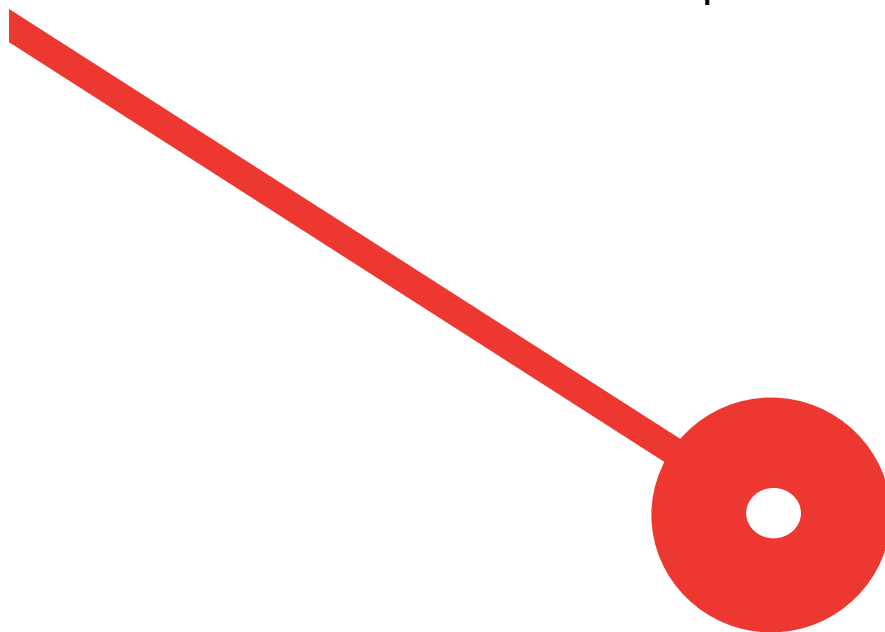
24/2025



"O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus": Desafios e Estratégias na Tradução para francês

Sarah Manuela Dias Vitorino

Trabalho de Projeto
apresentado ao Instituto Superior de Contabilidade e
Administração do Porto para a obtenção do grau de Mestre em
Tradução e Interpretação Especializadas, sob orientação da
Doutora Isabelle Tulekian Azeredo Lopes



Resumo

O presente trabalho, realizado no âmbito do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, traduz do português para o francês a obra "O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus" de Carlos Alexandre Barbosa Clemente e reflete criticamente sobre os desafios e estratégias deste processo. A obra, publicada em 2022, combina testemunhos reais de peregrinos do Caminho de Santiago, uma narrativa de suspense e investigação histórica sobre o manuscrito medieval Codex Calixtinus. Esta diversidade textual e riqueza cultural exigiram uma abordagem tradutória flexível e fundamentada teoricamente.

Este projeto baseou-se no modelo funcionalista de Christiane Nord para análise pré-tradutória e na dicotomia domesticação-estrangeirização de Lawrence Venuti e Antoine Berman para orientar as decisões culturais. A metodologia incluiu análise de fatores extratextuais e intratextuais, criação de glossários especializados sobre terminologia jacobea e aplicação de estratégias diferenciadas conforme o tipo de texto. A escolha do francês justifica-se pela forte ligação histórica e cultural da França ao Caminho de Santiago.

Os principais desafios incluíram preservar a naturalidade dos testemunhos, transpor expressões idiomáticas sem equivalentes diretos, adaptar a complexidade sintática do autor às convenções francesas e tratar referências culturais específicas. Este trabalho demonstra que a tradução literária vai além da transferência linguística, constituindo um ato de mediação cultural que exige sensibilidade e conhecimento profundo de ambas as culturas.

Palavras-chave: Tradução literária; Caminho de Santiago; Codex Calixtinus; português-francês; domesticação-estrangeirização; funcionalismo.

Abstract

This work, carried out within the framework of the Master's degree in Specialized Translation and Interpretation, translates "O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus" by Carlos Alexandre Barbosa Clemente from Portuguese to French and critically reflects on the challenges and strategies of this process. The work, published in 2022, combines real testimonies from pilgrims on the Camino de Santiago, a suspense narrative, and historical research on the medieval manuscript Codex Calixtinus. This textual diversity and cultural richness required a flexible and theoretically grounded translation approach.

This project was based on Christiane Nord's functionalist model for pre-translation analysis and on the domestication-foreignization dichotomy by Lawrence Venuti and Antoine Berman to guide cultural decisions. The methodology included analysis of extratextual and intratextual factors, creation of specialized glossaries on Jacobean terminology, and application of differentiated strategies according to text type. The choice of French is justified by France's strong historical and cultural connection to the Camino de Santiago.

The main challenges included preserving the naturalness of the testimonies, transposing idiomatic expressions without direct equivalents, adapting the author's syntactic complexity to French conventions, and handling specific cultural references. This work demonstrates that literary translation goes beyond linguistic transfer, constituting an act of cultural mediation that requires sensitivity and deep knowledge of both cultures.

Keywords: Literary translation; Camino de Santiago; Codex Calixtinus; Portuguese-French; domestication-foreignization; functionalism.

Agradecimentos

Chegar ao fim deste trabalho faz-me olhar para trás e lembrar tudo o que vivi ao longo deste mestrado. Não foi fácil, mas foi um caminho cheio de aprendizagens, dúvidas, momentos bons e outros mais difíceis.

Quero agradecer primeiro à minha família, por nunca desistirem de mim e por estarem sempre presentes, mesmo quando as coisas complicaram. Obrigada por me darem força e por acreditarem que eu ia conseguir chegar até aqui.

Ao Tiago, a minha cara metade e melhor amigo, deixo um obrigado especial. Obrigada por estares ao meu lado todos os dias, por me dares ânimo, paciência e amor. Foste quem me ajudou a acreditar, quem ouviu os meus desabafos e quem nunca me deixou desistir.

Um obrigado à minha orientadora, Dra. Isabelle Tulekian Azeredo Lopes, que nunca desistiu de mim ao longo destes anos, mesmo quando pensei desistir.

Por fim, obrigado a todos os que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada.

Lista de Figuras

Figura 1: A interdependência dos fatores extratextuais (Nord, 2012, p. 93)

Figura 2: A interdependência dos fatores intratextuais (Nord, 2012, p. 151)

Lista de Tabelas

Apêndice 1: Terminologia Jacobea e do Caminho

Apêndice 2: Caminhos e Rotas de Peregrinação

Apêndice 3: Referências Geográficas

Apêndice 4: Termos Culturais, Históricos e Religiosos

Índice

<i>Introdução</i>	8
1. Enquadramento Teórico dos Estudos da Tradução	10
1.1 Definição e evolução dos Estudos da Tradução	10
1.2 Principais teorias tradutológicas.....	12
1.3 Domesticação e estrangeirização.....	18
1.4 A ética da tradução literária.....	20
Capítulo 2 – Contextualização da Obra Original e Justificação da Tradução	22
2.1 O autor e a obra.....	22
2.2 Justificação da tradução para o francês.....	24
Capítulo 3 – Metodologia e Análise Pré-tradutória	26
3.1 Modelo de análise funcionalista.....	26
3.2 Análise da obra.....	29
3.2.1 Fatores extratextuais.....	29
3.2.2 Fatores intratextuais.....	30
3.3 Estratégias tradutórias antecipadas.....	31
Capítulo 4 – Reflexão Crítica sobre o Processo Tradutório	33
4.1 Organização e preparação do trabalho.....	33
4.2 Desafios encontrados ao longo da tradução.....	34
4.2.1 Tradução dos testemunhos dos peregrinos.....	34
4.2.2 Expressões idiomáticas e provérbios regionais.....	35
4.2.3 Frases longas na narrativa.....	35
4.2.4 Diálogos e diferenciação de registos.....	36
4.3 Processo de revisão.....	36
Capítulo 5 – Estratégias de Tradução e Análise Comparativa	38
5.1 Terminologia Jacobeira e Referências Culturais.....	38
5.1.1 Vocabulário técnico do Caminho.....	38
5.1.2 Referências Geográficas e Históricas.....	40
5.2 Expressões Idiomáticas e Provérbios.....	41
5.3 Termos gastronómicos e tradições populares.....	43
5.4 Complexidade Sintática e Adaptação Estilística.....	45
Conclusão	47
Bibliografia	50
Apêndices	52
Apêndice 1 – Tabela com Terminologia Jacobeira e do Caminho	52
Apêndice 2 – Tabela de termos sobre Caminhos e Rotas de Peregrinação	52
Apêndice 3 – Tabela de Referências Geográficas	52
Apêndice 4 – Tabela de Termos Culturais, Históricos e Religiosos	53
Anexo I - Tradução integral da obra “Do Outro Lado do Caminho”	54

Introdução

O objetivo central deste projeto, elaborado no âmbito do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, passa por traduzir e analisar o processo de tradução da obra “O Outro Lado do Caminho — Codex Calixtinus”, de Carlos Alexandre Barbosa Clemente, do português para o francês. O trabalho procurou refletir sobre os desafios, escolhas e caminhos envolvidos ao trazer para outra língua uma obra cheia de mistura literária e riqueza cultural, procurando adaptar tudo para um novo contexto e público.

A tradução literária é muito mais do que trocar palavras de uma língua para outra. É um trabalho complicado, onde o tradutor tem de pensar também nas diferenças culturais, nas ideias, na história e na arte que estão no texto. Hoje, num mundo cheio de trocas e partilhas, o tradutor tornou-se essencial. É ele que aproxima pessoas, faz os livros viajarem para outros países e chegar a leitores diferentes. Por isso, traduzir é criar ligações entre culturas, ajudar a enriquecer os livros do mundo e dar espaço à conversa entre maneiras diferentes de ver a vida.

Este projeto nasceu do desejo sincero de traduzir um livro literário para francês. A escolha recaiu sobre “O Outro Lado do Caminho -- Codex Calixtinus”, num tempo em que traduzir se tornou cada vez mais importante. Este livro, lançado em 2022, mostra diferentes faces do Caminho de Santiago de Compostela. Nele, encontramos relatos de quem fez a caminhada, partes de ficção e curiosidades sobre um manuscrito antigo e famoso. Por juntar tantos estilos e ter mais de 600 páginas, traduzir este livro não é tarefa simples: o tradutor precisa de encontrar um jeito único de contar a história, mantendo a riqueza do texto original, mas garantindo que os leitores franceses sintam a mesma clareza e emoção ao ler. Ao olhar para o trabalho assim, percebe-se como é necessário analisar tudo com cuidado antes de começar, prever desafios, captar os detalhes culturais e decidir qual a melhor estratégia para cada parte do texto.

A escolha deste projeto deve-se, desde logo, à grande importância cultural e literária do tema. O Caminho de Santiago é especial na história da Europa, cruzando culturas e pessoas de muitos países, como Portugal, Espanha e França, e a UNESCO considera-o Património Mundial. França tem, até, um papel importante nessa caminhada, pois ali começa uma das trilhas mais famosas. Traduzir o livro do Carlos Clemente para francês permite que leitores franceses conheçam o olhar português sobre este percurso partilhado, aproximando tradições

e valorizando ainda mais a cultura de cada país. Este livro não conta apenas uma viagem: mistura história, ficção e testemunhos reais, o que faz com que a tradução seja ainda mais desafiante e interessante. Quem traduz precisa de se adaptar a estilos diferentes e criar vários tons, o que torna este projeto muito valioso para quem estuda tradução e quer aprender sobre este mundo tão rico.

A base teórica deste trabalho assenta principalmente nas ideias do funcionalismo, em particular no modelo proposto por Christiane Nord, que se mostra especialmente adequado a textos com diferentes funções e públicos. Em paralelo, recorre-se ao debate entre domesticação e estrangeirização, desenvolvido por Lawrence Venuti e Antoine Berman, para apoiar as decisões tomadas face a escolhas culturais que implicam, por vezes, aproximar o texto da cultura de chegada ou, noutras, preservar as marcas da cultura de origem.

A metodologia seguida neste trabalho baseou-se numa análise cuidada da obra e dos seus contextos, complementada por pesquisa e recolha de informação relevante. Procurou-se compreender as principais características do texto e antecipar possíveis dificuldades de tradução. Para cada parte do livro foi escolhida a melhor maneira de traduzir, tendo sempre em mente os variados estilos e o que o texto queria transmitir. Durante todo o trabalho, tentou-se encontrar um equilíbrio entre ser fiel ao original e tornar a leitura simples e clara para quem lê em francês. Sempre que foi preciso, recorreu-se a fontes seguras para garantir que as palavras e os termos usados fossem corretos e fizessem sentido ao longo de todo o texto.

O processo de tradução deste livro foi intenso e cheio de movimento, com muitos desafios, perguntas e escolhas à medida que o trabalho avançava. Traduzir literatura não é simplesmente trocar uma palavra por outra; é preciso pensar e sentir o texto, para que o resultado faça sentido e toque quem vai ler. Exige encontrar um equilíbrio entre ser fiel ao texto original e adaptar a escrita ao novo público. Nesta tradução, houve partes em que deixar nomes e frases em português foi crucial para manter o significado e a personalidade do texto. Noutras situações, foi preciso adaptar ou explicar certos detalhes, para que tudo ficasse simples e fácil de entender para quem lê em francês.

No fim, este trabalho junta um estudo aprofundado sobre temas importantes dos Estudos da Tradução com a prática real de traduzir literatura, refletindo também sobre as escolhas feitas durante todo o percurso. A ideia é mostrar como as ideias da tradução se aplicam na prática, valorizando o tradutor como alguém que conecta culturas diferentes. Traduzir “O Outro Lado do Caminho — Codex Calixtinus” é, assim, uma maneira de levar a literatura portuguesa até ao público francófono e provar como a tradução aproxima pessoas e incentiva o diálogo entre culturas.

1. Enquadramento Teórico dos Estudos da Tradução

1.1 Definição e evolução dos Estudos da Tradução

Os Estudos da Tradução, ou Tradutologia, são um campo dedicado a pensar e analisar de forma organizada a tradução e a interpretação. James S. Holmes é visto como o grande impulsionador desta área, já que foi ele quem sugeriu o nome *Translation Studies* (Estudos da Tradução) e indicou quais seriam os objetivos principais deste estudo (Pinilla, 2019, p. 599). No seu artigo marcante *The Name and Nature of Translation Studies*, James S. Holmes desenhou as bases desta área e criou aquilo que ficou conhecido como o primeiro “mapa” dos Estudos da Tradução, separando o campo em diferentes partes. Nesse esquema, ele dividiu os estudos em dois grandes grupos: um lado mais teórico e descritivo, que procura entender e explicar a tradução, e outro lado mais prático, que envolve coisas como ensinar tradutores, analisar traduções já feitas ou criar ferramentas para ajudar quem traduz. Os estudos teóricos tentam encontrar regras e ideias gerais para perceber como funciona a tradução, enquanto os estudos descritivos olham para traduções feitas no mundo real, analisando os textos, a forma como as pessoas pensam durante a tradução e o impacto das traduções noutras culturas (Mota, 2014, p. 140). Mais tarde, Toury (*Descriptive Translation Studies and Beyond*, 1995) desenvolveu ainda mais este modelo, trazendo ideias como as normas da tradução e ajudando a tornar esta área de estudo mais forte e consolidada.

A reflexão sobre tradução é antiga. Cícero, São Jerónimo e Schleiermacher já pensavam nestas questões. No entanto, a institucionalização científica do campo só ocorreu na segunda metade do século XX (Pinilla, 2019). A partir da década de 1970, fatores como o crescimento das relações internacionais e o maior interesse académico impulsionaram a afirmação dos

Estudos da Tradução como área independente, deixando de ser vistos apenas como um ramo auxiliar da linguística ou da literatura (Mota, 2014). Conforme observa:

The 1980s was a decade of consolidation for the fledgling discipline known as Translation Studies. Having emerged onto the world stage in the late 1970s, the subject began to be taken seriously, and was no longer seen as an unscientific field of enquiry of secondary importance. Throughout the 1980s interest in the theory and practice of translation grew steadily. Then, in the 1990s, Translation Studies finally came into its own, for this proved to be the decade of its global expansion.

Como sublinha Susan Bassnett (2002, p. 1) a tradução, que durante muito tempo foi vista como uma atividade secundária, passou a ser reconhecida como um “fundamental act of human exchange”. Este reconhecimento deu origem a um interesse crescente tanto pela prática como pela teoria da tradução, especialmente num mundo cada vez mais globalizado.

Do ponto de vista terminológico, merece destaque a contribuição de Antoine Berman na formulação do conceito de tradutologia. Segundo (Berman, 2009, p. 347) “A tradutologia é a reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência”. Em vez de criar uma teoria rígida e fechada, Berman sugere que a tradutologia deve ser um pensamento crítico da tradução sobre ela própria, sempre ligada à prática e à experiência real de traduzir (Berman, A tradução e seus discursos, 2009, p. 348).

Nessa perspetiva, a tradução não é apenas um trabalho técnico, envolve questões éticas, poéticas e culturais que vão muito além das palavras. A tradutologia não pretende substituir disciplinas como a linguística ou a literatura comparada, mas procura trocar ideias com estas disciplinas, sempre a partir do olhar e da experiência própria de quem traduz. (Berman, A tradução e seus discursos, 2009, p. 348).

Essa abertura ao diálogo interdisciplinar foi igualmente sublinhada por Susan Bassnett e Martina Ožbot. Bassnett (2014) recorda que os Estudos da Tradução cresceram muitas vezes contra a resistência das disciplinas tradicionais, sobretudo no meio universitário anglófono, onde chegaram a ser deixados de lado durante muitos anos. Apesar disso, o carácter interdisciplinar do campo manteve-se como uma das suas maiores forças, permitindo

ligações frutíferas com a literatura comparada, os estudos culturais e a filosofia da linguagem.

Ožbot (2015) acrescenta que os Estudos da Tradução desenvolveram-se como disciplina autónoma precisamente pela convergência de diferentes áreas do saber, como a linguística e os estudos literários. Essa natureza híbrida não só favorece uma compreensão mais ampla do fenómeno tradutório, como também desafia as fronteiras disciplinares estabelecidas.

Em síntese, ao longo dos séculos, as ideias sobre tradução passaram de discussões separadas — focadas em ser fiel às palavras ou ao significado — para se tornarem numa área de estudo sólida e aberta a diferentes olhares (Berman, 2009). Hoje, os Estudos da Tradução abrangem não apenas os aspetos linguísticos e literários, mas também dimensões culturais, históricas e cognitivas, reafirmando o seu compromisso com uma abordagem ampla, crítica e essencialmente interdisciplinar (Bassnett, 2014) (Ožbot, 2015).

1.2 Principais teorias tradutológicas

Ao longo do desenvolvimento dos Estudos da Tradução, surgiram várias correntes teóricas, cada uma dando ênfase a diferentes aspetos do fenómeno tradutório. A seguir apresentam-se as principais abordagens, situando-as de forma cronológica e conceptual.

Teorias da Equivalência e abordagens linguísticas

Entre as décadas de 1950 e 1970 começaram a surgir reflexões mais sistemáticas sobre tradução. Como explica Sabio Pinilla (2019, p. 598), foi um período de tentativa de tratar a tradução de forma científica, em vez de a considerar apenas uma actividade auxiliar da linguística, da literatura ou do ensino de línguas.

Nesse período, destacou-se a perspetiva linguística, que via a tradução como uma passagem de um sistema linguístico para outro, colocando em primeiro plano o conceito de “equivalência”. Entre os principais nomes dessa geração estão Fedorov, Cary, Vinay e Darbelnet, Jakobson, Mounin, Catford, Nida e Taber (Pinilla, 2019, p. 599). A tradução passou a ser pensada como um processo de comunicação entre línguas, com foco na procura de correspondências de sentido e estilo. Um exemplo marcante é o trabalho de Vinay e

Darbelnet em *Stylistique comparée du français et de l'anglais* (1958), citado por (Pinilla, 2019, p. 612), no qual analisaram de forma detalhada as diferenças entre francês e inglês e propuseram sete procedimentos de tradução: empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência idiomática e adaptação. Este modelo foi um dos primeiros instrumentos metodológicos criados para orientar o trabalho do tradutor.

Eugene Nida, influenciado pela linguística e pela antropologia, foi um dos que mais desenvolveu o conceito de equivalência. Introduziu a distinção entre equivalência formal e equivalência dinâmica (Mota, 2014, p. 138). A equivalência formal procura reproduzir, tanto quanto possível, a estrutura e o conteúdo do texto de partida, mantendo-se fiel à forma original. Já a equivalência dinâmica, segundo Pinilla (2019), dá “importância [...] à atualização da mensagem em função do receptor” (p. 612), procurando provocar no leitor da tradução um efeito semelhante ao sentido pelo leitor do original, mesmo que isso exija adaptações linguísticas ou culturais. Assim, para Nida traduzir não é apenas transpor palavras, mas também considerar fatores sociolinguísticos e culturais para transmitir plenamente a mensagem (Pinilla, 2019, p. 612).

Estes princípios foram aplicados sobretudo na tradução da Bíblia. Na obra *Towards a Science of Translating, with Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating* (1964), referida em (Mota, 2014, p. 138), Nida defende que uma tradução bem-sucedida deve atualizar a mensagem em função do receptor e produzir no leitor da tradução um efeito equivalente ao do leitor do texto original (Sabio Pinilla, 2019, p. 613). Com a equivalência dinâmica, reconhece-se que podem existir várias traduções correctas para um mesmo texto, mudando o foco que antes era apenas ser fiel à forma original.

Apesar da forte influência de Nida, o conceito de equivalência acabou por assumir diferentes sentidos consoante o autor ou a teoria. Anthony Pym, citado por Sabio Pinilla (2019, p. 601) observa que:

As teorias deram lugar a uma pluralidade de paradigmas (Pym) ou, dito de outra forma, teorias organizadas ao redor de conceitos centrais tomam como eixo principal a equivalência, a finalidade, a descrição, a indeterminação, a tradução cultural ou a localização. Pym defende a pluralidade de paradigmas para conscientizar sobre a

existência de diferentes maneiras de abordar a tradução e como todas elas podem resultar como úteis ou estimulantes em um dado momento para o tradutor (Pym 19). Além disso, este autor mostra como as teorias têm pontos em comum sob uma metalinguagem diferente e cumprem uma função institucional coletiva porque os paradigmas funcionam em contextos profissionais e acadêmicos atuais.

Teorias funcionalistas

Nos anos 1970 ganhou destaque na Europa a abordagem funcionalista, que deslocou o foco da equivalência estrita para a função e o objectivo da tradução na cultura de chegada. Hans J. Vermeer, criador da *Skopostheorie*, defendeu que “uma ação é determinada pelo seu objetivo” (Reiss & Vermeer, 1984, p. 98, citado em Mota, 2014, p. 147). Em termos práticos, isto significa que as decisões do tradutor devem partir da finalidade que o texto terá na cultura de chegada. Se essa finalidade diferir da do texto de origem, a tradução pode e deve ser adaptada (Mota, 2014, p. 147).

No livro *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* (1984), citado por (Mota, 2014, p. 146), Vermeer e Katharina Reiss explicam que um texto não é algo fixo, mas depende de como é recebido pelo leitor e da situação cultural e social em que se encontra. De acordo com Sabio Pinilla (2019, p. 614), alguns aspetos centrais das abordagens funcionalistas desenvolvidas por Vermeer, Reiss e Nord — considerados fundamentais para a tradução profissional — incluem a noção de *Skopos* (finalidade da tradução), o encargo de tradução e o papel do iniciador. O autor também observa que o modelo de análise funcional de Nord possibilita considerar, antes de iniciar a tradução, fatores extratextuais e intratextuais dos textos de partida e de chegada (Pinilla, 2019, p. 613).

Como refere (Stervid, 2020, p. 3), as abordagens funcionalistas não substituem as abordagens linguísticas e de equivalência que prevaleceram nas décadas anteriores. Elas acrescentam uma perspectiva centrada no propósito comunicativo e no destinatário, dando ao tradutor mais opções e estratégias para trabalhar.

Teorias descritivas

Ainda na década de 1970, surgiu a abordagem conhecida como Estudos Descritivos da Tradução (DTS). Em vez de indicar qual é a maneira certa de traduzir, esta abordagem passou a estudar a tradução tal como acontece na prática. (Toury, 2012) defende que as traduções são “*facts of real life rather than speculative entities resulting from preconceived hypotheses and theoretical models*”. Um passo fundamental foi tratar as traduções como “*facts of the culture that would host them*”, ou seja, como parte integrante da cultura de chegada, onde ganham a sua função e estatuto (Toury, 2012, p. 18).

Foi nesse contexto que Itamar Even-Zohar aplicou a sua Teoria dos Polissistemas à tradução, a literatura traduzida como parte de um “sistema múltiplo” no qual diferentes subsistemas interagem e se influenciam (Even-Zohar, 1978, p. 12, citado em Alkhawaja, 2014, p. 22). Dependendo do momento histórico, a literatura traduzida pode ocupar uma posição central — renovando o sistema e introduzindo novos modelos — ou periférica, seguindo padrões já estabelecidos (Even-Zohar, 1978, citado em Alkhawaja, 2014, pp. 24-25).

Inspirado por estas ideias, Gideon Toury desenvolveu o conceito de normas de tradução. As normas iniciais dizem respeito à escolha entre manter as normas da cultura de partida ou adotar as da cultura de chegada. Já as normas operacionais orientam as decisões ao longo do processo e podem ser matriciais (relacionadas à estrutura do texto) ou linguístico-textuais (relacionadas ao uso da língua) (Toury, 1995, citado em Alkhawaja, 2014, pp. 30-31).

Segundo Toury (2012, pp. 5-6), a posição que a tradução ocupa no sistema literário da cultura de chegada influencia diretamente as escolhas do tradutor.

Mais tarde, a chamada Escola da Manipulação, associada a autores como Hermans, Lefevere, Lambert, Bassnett, Even-Zohar e o próprio Toury, ampliou esta visão. Para Bassnett e Lefevere (1990, p. vii, citado em Alkhawaja, 2014, p. 37), “*translation is rewriting and ‘rewriting is manipulation, undertaken in the service of power’*”. Ou seja, toda tradução é também uma reescrita, moldada por fatores ideológicos e culturais, seja de forma consciente ou não.

Cultural turn

No final dos anos 1980 e início dos 1990, surgiu nos Estudos da Tradução uma mudança importante chamada *cultural turn*. Ela resultou do trabalho da Escola da Manipulação, que já tinha trazido para o debate fatores ideológicos e culturais. Nesta nova fase, os estudos culturais passaram a estar no centro da reflexão tradutológica. Como lembram Bassnett e Lefevere, “*all rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way*” (1990, p. XI). Ou seja, toda tradução é também uma reescrita, moldada pelo contexto sociocultural, capaz tanto de inovar como de reforçar padrões existentes.

Um dos nomes mais influentes deste período foi Lawrence Venuti. Ele defendeu as estratégias de *foreignizing translation* e *abusive fidelity* para contrariar a domesticação. O objetivo era “*expose the illusion of transparency by making the translator’s work visible, and thereby encouraging a rethinking of the secondary, derivative status of the translator*” (Gentzler, 2002, p. 17).

Ao mesmo tempo, teorias feministas, como as de Sherry Simon, Lori Chamberlain e Gayatri Spivak, questionaram metáforas e práticas que associam tradução à figura feminina. Barbara Godard descreve a tradutora feminista como alguém que “*affirming her critical difference, her delight in interminable re-reading and re-writing, flaunts the signs of her manipulation of the text*” (citada em Gentzler, 2002, p. 23), defendendo uma intervenção consciente e transformadora.

Na perspectiva pós-colonial, autores como Tejaswini Niranjana e Homi Bhabha mostraram que a tradução pode servir tanto para manter projetos coloniais como para resistir a eles. O objetivo é “*exposing the manipulated nature of language, the limitations imposed on a culture for reasons of colonisation and/or patriarchy, and creative possible solutions to escape those limitations*” (Gentzler, 2002, p. 21)

Na América Latina, destacou-se a metáfora do canibalismo, inspirada no movimento antropofágico de Oswald de Andrade. Para Haroldo e Augusto de Campos, traduzir é apropriar-se de elementos de outras culturas e recriá-los de forma híbrida. Como resume Gentzler (2002, pp. 28-29):

Cannibalism has become perhaps the leading cultural metaphor in Brazil, reflecting the possibility of creating a new national culture, one not imitating European or North American culture, but one blending elements of both North and South, European and indigenous, First and Third World.

Assim, a *cultural turn* ampliou o âmbito da tradutologia para além da análise textual, incorporando questões de poder, identidade e ideologia, e lançando as bases para debates que continuam a marcar o campo. Esta evolução serve de ponte para as perspetivas contemporâneas, que retomam e reconfiguram estes contributos face aos desafios da globalização, das novas tecnologias e da crescente diversidade cultural.

Perspetivas contemporâneas

Nas últimas décadas, os Estudos da Tradução mudaram muito, acompanhando o ritmo acelerado da globalização. Hoje, não existe uma única forma de pensar a tradução: várias abordagens convivem lado a lado e podem ser combinadas consoante o contexto e os objetivos. Como explica (Pym, 2014, p. 237), “*Indeterminacy is the very basis for a plurality of theories*”, ou seja, não há uma única resposta certa para o que é traduzir.

A globalização deu ainda mais importância à tradução como ponte entre culturas. Os tradutores, como nota (Baker, 2006, p. 105), “*participate in creating, negotiating and contesting social reality*” — ou seja, não apenas transferem palavras de uma língua para outra, mas ajudam a moldar as narrativas que circulam no mundo.

A tecnologia também mudou radicalmente a forma de trabalhar. Ferramentas digitais, memórias de tradução, tradução automática e plataformas colaborativas alteraram tanto o processo como o papel do tradutor. Como observa (Cronin, 2013) “*Translation is living through a period of revolutionary upheaval. The effects of digital technology and the internet on translation are continuous, widespread and profound*”. (Pym, 2014) acrescenta que, na área da localização, a tecnologia abriu novas oportunidades, mas também reintroduziu de forma simplista antigas noções de equivalência.

Outro campo em plena expansão é a tradução audiovisual, impulsionada pela produção digital e pelo consumo global. Como afirma Pérez-González (2014, p. 12), “*during the last fifteen years, audiovisual translation has been the fastest growing strand of translation studies*”.

Perante esta diversidade, (Pym, 2014, p. 404) sugere que “*we should feel free to move between the paradigms, selecting the ideas that can help us solve problems*”. Por outras palavras, cabe ao tradutor escolher as teorias e ferramentas mais adequadas em cada situação.

Em suma, as perspetivas contemporâneas combinam variedade de teorias, uso intensivo da tecnologia e atenção às questões culturais e sociais. Hoje, a tradução é vista como muito mais do que um exercício linguístico: é uma prática central para comunicar num mundo cada vez mais conectado.

1.3 Domesticação e estrangeirização

Na tradução literária, o tradutor precisa decidir entre aproximar o texto estrangeiro da cultura de chegada ou preservar a sua estranheza. (Venuti, 1995) descreveu estas duas estratégias como domesticação (*domestication*) e estrangeirização (*foreignization*).

Segundo o autor, a domesticação é uma “*ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values*” (Venuti, 1995, p. 20), isto é, a adaptação do texto às normas linguísticas e culturais da língua de chegada. Esta estratégia corresponde ao que Schleiermacher chamou de “*moves the author towards him*”, uma tentativa de fazer com que o texto pareça familiar ao leitor. O resultado é um discurso fluente, que cria “*the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.”*” (Venuti, 1995, p. 1). No contexto anglófono, essa fluidez é valorizada e contribui para aquilo a que Venuti chama de “*translator’s invisibility*”, em que o trabalho do tradutor se apaga em favor de uma leitura transparente.

A estrangeirização é definida como “*an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text*” (Venuti, 1995, p. 20). Trata-se de manter, na tradução, marcas de alteridade: vocabulário pouco comum, referências culturais

não adaptadas ou estruturas sintáticas menos habituais. A intenção é fazer com que o leitor perceba que está a ler uma tradução, trazendo essa diferença para o primeiro plano. Venuti acrescenta que “*Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism*” (Venuti, 1995, p. 20). Assim, a estrangeirização é também um gesto político e ético.

Este debate, contudo, não é novo. Em 1813, Friedrich Schleiermacher defendia que o tradutor podia “*either leave the author in peace [...] and move the reader toward him; or leave the reader in peace [...] and move the author toward him*” (citado em Venuti, 2008, p. 19-20). O filósofo preferia a primeira via, próxima da estrangeirização, posição que seria retomada e aprofundada mais tarde por Antoine Berman.

(Bassnett, 2002) recorda que estas abordagens não são apenas técnicas, mas também culturais e ideológicas. Como explica: “translation is not just the transfer of texts from one language into another, it is now rightly seen as a process of negotiation between texts and between cultures” (Bassnett, 2002, p. 6). Portanto, traduzir implica negociar relações de poder, identidade e representação cultural.

Anthony Pym acrescenta que a decisão entre domesticar ou estrangeirizar envolve uma responsabilidade comunicativa. “*Translators are theorizing all the time. Once they have identified a translation problem, they usually have to decide between several possible solutions.*” (Pym, 2014, p. 20) Para ele, uma estrangeirização excessiva pode afastar o leitor; uma domesticação total pode privá-lo do contacto com o Outro. O equilíbrio dependerá sempre do público e do propósito da tradução.

Esta tensão foi central no meu trabalho de tradução. O livro “O Outro Lado do Caminho” contém elementos profundamente portugueses (tradições, vocabulário jacobino, referências culturais), mas o público francês tem a sua própria tradição peregrina. Domesticar totalmente apagaria a especificidade portuguesa; estrangeirizar demasiado tornaria o texto inacessível. Como veremos no Capítulo 4 e 5, a solução passou por combinar estratégias consoante o contexto.

Na prática, a maioria das traduções combina ambas as estratégias: recorre à domesticação em alguns momentos, para garantir clareza e acessibilidade, e à estrangeirização noutros,

para manter a cor local e a especificidade cultural. Bassnett sublinha que o tradutor atua como mediador cultural e “*provides an especially revealing entry point into the dynamics of cultural identity-formation*” (Bassnett, 2002, p. 6).

Assim, domesticar ou estrangeirar não é apenas uma escolha estética. É, acima de tudo, uma decisão ética e política, que molda a forma como o leitor experiencia a alteridade através da tradução.

1.4 A ética da tradução literária

A ética da tradução literária tornou-se um dos pontos centrais da reflexão tradutológica a partir do final do século XX. Foi quando se começou a reconhecer que traduzir não é apenas uma atividade técnica, mas um ato com implicações culturais e políticas.

Antoine Berman, em *L'épreuve de l'étranger*, introduz a noção de uma “*visée éthique*” da tradução, sublinhando que esta deve afirmar a sua própria finalidade em vez de se submeter apenas a critérios de transmissibilidade. Como descreve o autor: “*L'éthique de la traduction consiste sur le plan théorique à dégager, à affirmer et à défendre la pure visée de la traduction en tant que telle.*” (Berman, 1984, p. 17).

Para Berman, uma “*má tradução*” é aquela que “*sous couvert de transmissibilité, opère une négation systématique de l'étrangeté de l'œuvre étrangère*” (Berman, 1984, p. 17). Por outras palavras, traduzir eticamente é deixar que a obra estrangeira traga consigo a sua diferença, em vez de a apagar.

Lawrence Venuti também critica a domesticação do texto traduzido. Em *The Translator's Invisibility*, denuncia que no espaço anglo-americano uma tradução é considerada aceitável quando não mostra sinais de ser tradução: “*A translated text [...] is judged acceptable [...] when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent*” (Venuti, 1995, p. 1).

Essa fluência cria uma ilusão de transparência, mas ao mesmo tempo oculta o trabalho do tradutor, tornando-o “*invisível*”. Para contrariar essa tendência, Venuti defende a estrangeirização, entendida como “*a translation method that values experimentation,*

tampers with usage, seeks to match the polyvalencies or plurivocities of the original” (Venuti, 1995, p. 24). A sua proposta é não apagar a diferença, mas assumi-la como gesto ético e político.

Anthony Pym, por sua vez, propõe uma visão diferente, mais prática e relacional. Para ele, a ética da tradução não está na fidelidade absoluta ao texto, mas na forma como o tradutor gere os riscos da comunicação. Ele escreve: “translators do not seek equivalence but instead manage the risk of their solutions failing to achieve basic aims (like getting paid). This is based on calculations of the probability of failure, rather than any certitude of match” (Pym, 2014, p. 267). O tradutor é, assim, alguém que procura reduzir a probabilidade de falhas, garantindo que a comunicação funciona para todas as partes envolvidas.

Embora tenham pontos de vista diferentes, Berman, Venuti e Pym concordam num aspeto fundamental: a tradução literária nunca é neutra. Para Berman, traduzir significa dar espaço ao que é estrangeiro; para Venuti, é mostrar o papel do tradutor e resistir à adaptação excessiva; para Pym, é equilibrar os riscos de juntar culturas diferentes. No fundo, estas ideias mostram que traduzir literatura é sempre um ato ético. Cada decisão feita pelo tradutor influencia não só o resultado final, como também a maneira como as culturas se abrem e se ligam umas às outras.

Capítulo 2 – Contextualização da Obra Original e Justificação da Tradução

2.1 O autor e a obra

Carlos Alexandre Barbosa Clemente é licenciado em Marketing pelo ISCAP. Tem certificação internacional em Investigação, Análise e Intelligence e é técnico especialista em Business Intelligence. Possui ainda certificação internacional como *Extreme Coach* de Alta Performance. Para além da sua atividade profissional, tem desenvolvido percurso como escritor, com três livros publicados até ao momento. O primeiro, em 2018, foi um romance policial intitulado *ABC do Crime – Azores a Nova Alcatraz*. Em 2022 publicou *O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus*, obra que constitui o objeto de estudo deste trabalho, e em 2023 lançou *O Despertar de Pinetum*, um romance de carácter histórico.

“O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus” é uma obra extensa, com mais de 600 páginas distribuídas em 40 capítulos, que combina diferentes tipos de escrita. A obra estrutura-se em duas partes principais. A primeira (páginas 17–97) é dedicada a testemunhos de peregrinos, recolhendo experiências sobre a preparação, os momentos marcantes e os aprendizados ao longo da peregrinação.

A segunda parte (páginas 99 até ao fim) constitui uma narrativa ficcional que integra investigação histórica sobre o Codex Calixtinus. Esta secção apresenta onze personagens, cada uma com o seu percurso, dúvidas e motivações, mas articula-se em torno da figura central do investigador António de Nazareth, que explora os mistérios associados ao famoso manuscrito medieval. O autor explica a relevância histórica do Codex e evoca episódios mais recentes, como o roubo ocorrido em 2011. Integra estes elementos numa trama que combina investigação policial, mistério e reflexão espiritual.

Apesar da diversidade, todas as histórias acabam por se cruzar em Santiago de Compostela e Finisterra: Isto reforça a ideia de que, embora cada pessoa viva a peregrinação de forma única, existe uma dimensão comum de transformação e descoberta.

Nos capítulos finais, a narrativa introduz ainda elementos de mistério e referências históricas e lendárias, como os templários e ordens religiosas. Articula o enredo ficcional com o património cultural e espiritual do Caminho de Santiago.

Este livro tem relevância cultural porque documenta uma experiência muito importante na Europa: o Caminho de Santiago de Compostela. Este percurso de peregrinação existe desde a Idade Média e foi reconhecido pela UNESCO como Património da Humanidade. Embora esteja ligado à tradição católica e ao culto de Santiago, o Caminho tornou-se, ao longo dos séculos, um fenómeno internacional, aberto a pessoas de diferentes origens e motivações. Atualmente, atrai milhares de peregrinos todos os anos, seja por devoção, interesse cultural, razões espirituais ou pelo desafio pessoal.

Neste contexto, “O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus” adquire relevância cultural por reunir numa mesma obra várias dimensões do fenómeno jacobeu. O livro preserva testemunhos de peregrinos contemporâneos, que relatam as suas experiências de preparação, as dificuldades enfrentadas e as aprendizagens retiradas da peregrinação. Inclui também uma parte de carácter histórico e documental sobre o Codex Calixtinus, manuscrito medieval central na tradição do Caminho, cuja atualidade se confirmou até com o roubo ocorrido em 2011. Ao articular relatos contemporâneos com referências históricas, o livro estabelece uma ponte entre o passado e o presente, sublinhando a continuidade da experiência peregrina.

Além do conteúdo, a relevância cultural da obra encontra-se igualmente na sua forma textual. Uma característica do estilo de Carlos Clemente é a utilização de frases longas e construções sintáticas elaboradas. Conferem profundidade e densidade ao texto, mas que podem representar um desafio para a tradução.

O livro usa diferentes estilos de escrita. Nos testemunhos, a linguagem é próxima da conversa do dia a dia, enquanto nas partes sobre investigação usa um tom mais formal. Esta diversidade reflete bem a natureza do próprio Caminho, onde se cruzam pessoas de culturas e origens muito diferentes. A obra utiliza recursos de oralidade e uma linguagem acessível. No entanto, não deixa de integrar elementos poéticos e simbólicos, entre uma linguagem simples e alguma profundidade literária. Além disso, o texto faz muitas referências à tradição jacobea: aparecem símbolos, lendas, nomes de lugares e expressões dos próprios peregrinos.

Tudo isto ajuda a dar autenticidade e a mostrar a ligação da obra ao património cultural e espiritual do Caminho de Santiago.

O livro *O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus* foi publicado em 2022 e teve uma boa aceitação em Portugal, especialmente entre quem já se interessa pelo tema. Recebeu destaque na revista National Geographic, que o apontou como uma das leituras recomendadas sobre o Caminho de Santiago. Isso ajudou a dar-lhe mais credibilidade e visibilidade fora do país.

Para além disso, o livro foi citado em vários encontros e eventos sobre o Caminho de Santiago, o que ajudou a tornar a obra conhecida dentro deste universo.

Em síntese, este livro é relevante porque junta relatos atuais, investigação sobre história e uma parte ficcional, mostrando a riqueza cultural e espiritual do Caminho de Santiago. O reconhecimento em Portugal e no estrangeiro reforça a importância do livro e mostra porque faz sentido traduzi-lo e apresentá-lo a novos leitores.

2.2 Justificação da tradução para o francês

Há várias razões que justificam traduzir *O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus* para francês: motivos culturais, literários e editoriais. Trata-se de uma obra portuguesa contemporânea que, pelo tema que aborda e pela forma como o faz, tem potencial para interessar diretamente o público francófono. Existe uma tradição francesa muito forte ligada ao Caminho de Santiago que torna esta tradução especialmente relevante.

O Caminho de Santiago ocupa um lugar importante na memória cultural e religiosa da Europa. A França tem aqui um papel central, já que uma das rotas mais conhecidas, o Caminho Francês, começa precisamente em Saint-Jean-Pied-de-Port, nos Pirenéus. Desde a Idade Média, muitos peregrinos franceses fizeram esta viagem até Compostela. Ainda hoje a França mantém uma ligação forte ao mundo jacobeu. Existem confrarias, publicações especializadas, guias de peregrinação e uma vasta literatura de viagem sobre este tema.

Por isso, é natural que uma obra que trata deste património desperte interesse junto de leitores francófonos, especialmente quando inclui personagens que percorrem rotas em território francês. A tradução pode funcionar como uma ponte cultural. Permite que a perspectiva de um autor português sobre a peregrinação seja conhecida no espaço literário francês. Como observa Bassnett (2002, pp. 9-10), traduzir um texto ajuda-o a continuar a existir, pois permite que ele chegue a outros públicos e culturas. Assim, a tradução dá uma nova vida ao texto e cria um diálogo não só entre culturas diferentes, mas também entre diferentes períodos históricos. A versão francesa de *O Outro Lado do Caminho* prolongaria, assim, a vida da obra, permitindo que esta fosse recebida num novo sistema literário e cultural.

Além da importância cultural, existem razões literárias e editoriais para traduzir este livro. Nos últimos anos, a literatura portuguesa quase não aparece no mercado francês, onde normalmente só autores muito conhecidos conseguem ser traduzidos. Traduzir *O Outro Lado do Caminho* para francês é uma forma de mudar isso, apresentando aos leitores um livro recente que junta testemunhos reais, ficção e investigação histórica.

Esta mistura de estilos torna o livro atraente para vários tipos de leitor. Pode interessar a peregrinos e pessoas à procura de espiritualidade, bem como a quem gosta de romances históricos ou policiais. O livro pode ser lido como uma história de viagem, como reflexão espiritual ou como romance de mistério, o que aumenta as hipóteses de ser bem recebido pelo público francófono.

Capítulo 3 – Metodologia e Análise Pré-tradutória

3.1 Modelo de análise funcionalista

No campo dos Estudos da Tradução, existem diferentes modelos de análise pré-tradutória, cada um destacando critérios específicos para abordar o texto a traduzir. Destacam-se, por exemplo, as propostas funcionalistas, como a de Christiane Nord, que sublinha a importância da função e dos fatores contextuais na análise do texto.

Para analisar a obra, o modelo de Nord contribui para identificar os principais elementos para o processo de tradução porque se baseia em perguntas simples, mas fundamentais sobre o texto. Como (Nord, 2012) afirma, *“la función comunicativa es el criterio decisivo de textualidad, al que están subordinados los aspectos semánticos y sintácticos del texto”* (p. 48).

A autora defende que *“Esta decisión servirá de base para el siguiente paso, es decir, la determinación del escopo del texto meta, de la función que el texto meta puede cumplir”* (Nord, 2012, p. 92). Isto significa que primeiro temos de perceber para que serve o texto original e depois decidir que função vai ter a tradução. No caso do livro de Carlos Clemente, isso é importante porque se trata de um texto português sobre um tema muito conhecido em França - o Caminho de Santiago.

O modelo de Nord baseia-se nestas perguntas que o tradutor precisa para conhecer o texto:

Quién transmite para qué y a quién a través de qué medio, dónde, cuándo y por qué un texto con qué función? Sobre qué tema ofrece qué información presuponiendo qué, en qué orden, usando qué elementos no verbales, qué palabras, qué tipo de frases y qué tono, con qué efecto? (Nord, 2012, p. 49)

Nord divide a análise em dois grupos principais. O primeiro são os fatores extratextuais, que têm a ver com o contexto: quem escreveu o texto, para quem foi escrito, quando e onde foi

publicado, e porquê. O segundo são os fatores intratextuais, que se referem ao próprio texto: de que fala, como está organizado, que palavras usa e que estilo tem.

A figura seguinte mostra como estes fatores estão ligados entre si:

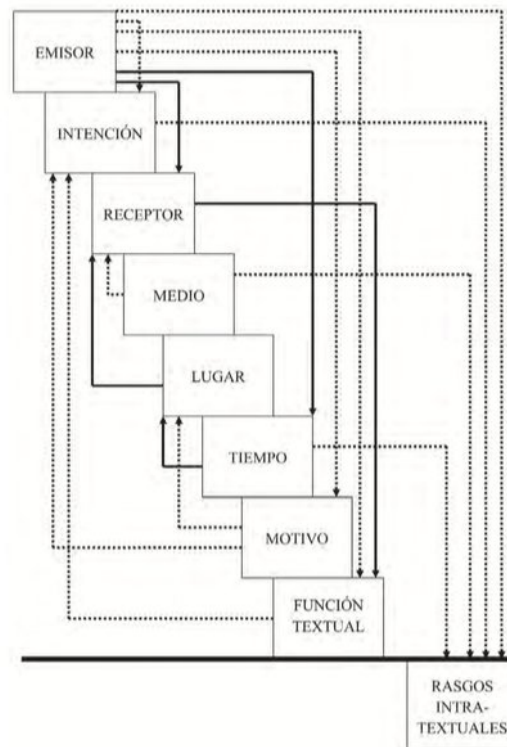


Figura 1: A interdependência dos fatores extratextuais (Nord, 2012, p. 93)

Esta imagem da obra de Nord (2012) mostra que todos os elementos externos ao texto se influenciam uns aos outros. Por exemplo, saber quem é o autor ajuda-nos a perceber para que público escreveu e porquê.

Quanto aos fatores internos, Nord também apresenta um diagrama que mostra as suas relações:

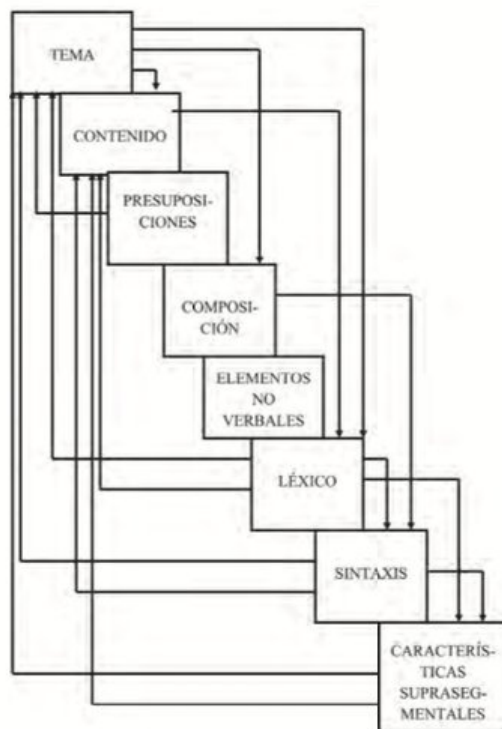


Figura 2: A interdependência dos fatores intratextuais (Nord, 2012, p. 151)

Esta segunda figura demonstra como os elementos dentro do próprio texto - tema, estrutura, vocabulário, estilo - também se relacionam entre si. Um tema específico pode exigir determinado vocabulário, que por sua vez influencia o estilo de escrita.

Esta análise em dois níveis é útil porque nos dá uma visão completa da obra. Antes de começar a traduzir, o tradutor já conhece bem o texto e o seu contexto. Isso ajuda a tomar decisões mais acertadas sobre como adaptar o texto para o novo público.

Nord defende ainda que o tradutor deve sempre ter em mente o "skopos", ou seja, o objetivo da tradução. O seu modelo funcionalista parte da ideia de que cada tradução tem um propósito específico, e todas as decisões do tradutor devem servir esse propósito. No caso de "O Outro Lado do Caminho", o objetivo é mostrar aos leitores franceses uma perspectiva portuguesa sobre o Caminho de Santiago. Por isso, preciso de manter a informação cultural importante, mas também de tornar o texto acessível para quem não conhece algumas referências portuguesas. Desta forma, o modelo de Nord oferece uma base sólida para organizar todo o trabalho de tradução.

3.2 Análise da obra

A análise que apresento neste capítulo baseia-se numa leitura atenta da obra original, durante a qual identifiquei os principais elementos que considero relevantes para o processo de tradução. Dividos-os em dois grupos: os fatores extratextuais e os fatores intratextuais baseando-me no modelo funcionalista de Christiane Nord.

3.2.1 Fatores extratextuais

A função e objetivos do texto

O primeiro aspeto a considerar é a função que o texto desempenha na cultura de partida e a que deve assumir na cultura de chegada. A obra apresenta três tipos de conteúdo diferentes. Documenta testemunhos reais de pessoas que fizeram o Caminho de Santiago atualmente. Há também informação sobre a história do Codex Calixtinus, e ainda desenvolve uma narrativa ficcional.

Esta mistura original de géneros representa um dos principais desafios da tradução. A obra combina três tipos de escrita diferentes numa só narrativa, criando uma abordagem nova ao tema da peregrinação a Santiago de Compostela.

Os elementos culturais específicos

Um dos aspetos mais desafiantes da tradução é a presença de elementos culturais especificamente portugueses ou ibéricos. O livro está repleto de referências à religiosidade popular portuguesa, às tradições e aos aspetos distintivos dos caminhos portugueses de Santiago.

Por exemplo, a obra menciona tradições como as festas religiosas locais, os rituais específicos da peregrinação em Portugal, ou as formas particulares de exercer a hospitalidade nos albergues portugueses. Estas referências são naturais para o leitor português, mas podem necessitar de explicação ou contextualização para o público francês.

Outro conjunto significativo de elementos culturais relaciona-se com a geografia específica dos caminhos portugueses. O Caminho Central, o Caminho da Costa, o Caminho Interior ou

a ligação com Fátima são realidades bem conhecidas em Portugal, mas menos familiares em França. Estes elementos são importantes para manter a autenticidade do livro e a perspectiva do autor. A tradução tem de encontrar maneiras de tornar estas referências compreensíveis para os franceses sem perder o seu significado original.

3.2.2 Fatores intratextuais

A diversidade de registos textuais

A obra apresenta vários tipos de linguagem diferentes. Há partes onde a linguagem é natural e espontânea, com expressões típicas portuguesas e maneiras de falar que soam autênticas e próximas do leitor. Noutras partes, a linguagem torna-se mais técnica e formal, com referências bibliográficas e um estilo próximo do discurso académico.

A obra inclui ainda o registo do romance policial, com vocabulário específico da investigação criminal, e diálogos típicos dos livros de mistério.

Para a tradução, o desafio é manter todos estes estilos diferentes de forma natural em francês. O francês tem as suas próprias maneiras de escrever cada tipo de texto, e a tradução deve respeitar essas tradições sem perder a ligação entre todas as partes do livro.

O vocabulário especializado e as expressões locais

O último fator fundamental para a análise é a riqueza lexical da obra, que inclui várias categorias de termos especializados. O vocabulário jacobeu constitui um primeiro conjunto, com palavras como "peregrino", "credencial", "hospitaleiro", "albergue", "Ultreia" ou "Suseia". Alguns destes termos têm equivalentes diretos em francês, outros exigem explicação ou adaptação.

Há também palavras e expressões portuguesas e galegas que podem criar dificuldades. Por exemplo, termos como "Camiño" (palavra galega), "saudade" ou maneiras típicas de construir as frases em português dão autenticidade ao texto, mas podem ser difíceis de

perceber para um leitor francês. Na tradução é preciso decidir quando manter estas palavras na língua original e quando é melhor adaptá-las para francês.

Por fim, o vocabulário usado nas partes de investigação policial requer adaptação às convenções francesas do género, de modo a preservar a credibilidade da narrativa sem criar efeitos de artificialidade.

Esta análise dos cinco fatores fundamentais mostra que a tradução de "O Outro Lado do Caminho" enfrenta desafios específicos que exigem estratégias cuidadas e diferenciadas. O passo seguinte será identificar as soluções concretas para cada uma destas questões, sempre tendo em conta o objetivo de criar uma versão francesa que preserve a riqueza e originalidade da obra portuguesa, tornando-a simultaneamente acessível e relevante para o seu novo público.

3.3 Estratégias tradutórias antecipadas

Com base na análise dos fatores extratextuais e intratextuais identificados, definiram-se estratégias para resolver os principais problemas de tradução que se preveem neste projeto. Estas estratégias guiarão as decisões tradutórias e assegurarão uma abordagem consistente durante todo o processo de tradução.

Para a terminologia especializada do Caminho de Santiago, a estratégia principal foi consultar fontes francesas sobre este tema para verificar se já existem equivalentes estabelecidos na literatura francesa. Quando não foi encontrada uma tradução direta, avaliou-se se o termo deveria ser mantido na língua original ou adaptado, considerando a sua função no texto e o conhecimento prévio do público francófono sobre o tema jacobeu.

Na variação de registos encontrada na obra, a estratégia passou por identificar os vários tipos de discurso e procurar equivalentes franceses adequados para cada um. Procurou-se manter a naturalidade dos relatos dos peregrinos, garantir a precisão das secções históricas e preservar o estilo literário das partes narrativas, fazendo questão de que as diferenças de tom entre as secções ficassem visíveis na versão francesa.

Quanto aos aspetos sintáticos e estilísticos, foi adotada uma abordagem flexível, considerando as diferenças entre o português e o francês. Procurou-se preservar as frases longas e elaboradas do autor sempre que possível, mas estas foram adaptadas quando não se encaixavam nas normas do francês. O objetivo foi manter tanto a profundidade das ideias como a qualidade do estilo do original, garantindo que o texto continuasse claro e natural em francês.

Para os elementos geográficos e toponímicos, adotou-se uma estratégia que juntou a preservação da especificidade portuguesa com a necessidade de ser claro para o leitor francês. Os nomes de localidades portuguesas foram mantidos na sua forma original, mas sempre que foi preciso acrescentou-se informação contextual para facilitar a orientação geográfica do leitor francófono.

Esta análise realizada antes de iniciar a tradução serviu de base a uma abordagem sistemática e fundamentada durante o processo. A aplicação do modelo funcionalista de Nord permitiu antecipar os principais desafios e definir estratégias específicas para cada tipo de problema encontrado. Estas decisões ajudaram a garantir que a tradução francesa mantivesse tanto a autenticidade cultural e o estilo original da obra portuguesa como a clareza e a acessibilidade essenciais para o público francês.

Capítulo 4 – Reflexão Crítica sobre o Processo Tradutório

Este capítulo apresenta uma reflexão sobre o processo de tradução de *O Outro Lado do Caminho – Codex Calixtinus* para francês. Analisa as diferentes fases do trabalho e confrontando os desafios antecipados com aqueles efetivamente encontrados durante a tradução.

4.1 Organização e preparação do trabalho

Logo no início do trabalho, criei ferramentas de apoio que foram essenciais. Fui construindo um glossário de termos jacobeus e uma lista de topónimos à medida que os encontrava no texto. As expressões idiomáticas que me causaram dificuldades foram registradas com as soluções que encontrei. Este processo revelou-se fundamental não só para manter a consistência, mas também para refletir sobre as minhas próprias escolhas ao longo da tradução.

Alguns termos tinham equivalentes diretos bastante óbvios. "Peregrino" traduzia-se naturalmente como "pèlerin", "albergue" como "auberge", "credencial" como "créanciale". Mas outros obrigavam a decisões mais complexas.

O termo "Caminho", por exemplo, gerou dúvidas prolongadas. Embora o autor use tanto "Caminho" (português) quanto "Camiño" (espanhol) na obra original, tive de decidir quando manter cada termo na tradução francesa. Em francês existem várias possibilidades: "chemin", "route", "voie". No entanto, como o Caminho de Santiago é conhecido internacionalmente como "Camiño de Santiago", optei por manter "Camiño" sempre que o autor se referia especificamente aos percursos de peregrinação (como "Camiño da Costa" ou "Camiño Francês") mas usei "chemin" quando a palavra aparecia num sentido mais genérico ou poético no original português, como nas expressões "o caminho da vida" ou "encontrar o seu caminho".

A lista de topónimos portugueses mencionados na obra foi bastante extensa. A obra menciona dezenas de localidades portuguesas, muitas delas pequenas e completamente desconhecidas para o público francês. Adotei um critério simples: quando existia uma forma estabelecida do topónimo em francês, usei-a; caso contrário, mantive o nome português

original. Por exemplo, "Lisboa" traduzi como "Lisbonne", pois existe uma tradução consagrada em francês. Já nomes como "Porto" ou "Braga" mantive no original, pois não têm tradução específica e são reconhecíveis internacionalmente.

Em muitos casos o próprio texto original já fornecia informação contextual que ajudava o leitor a situar-se geograficamente. Quando aparece "Vale de Telhas", por exemplo, o texto explica que se trata de "uma antiga cidade romana". No caso de "São Pedro de Rates", o contexto histórico ("terra do primeiro bispo dos Hispânicos") já estava presente no original.

O registo de expressões idiomáticas foi muito importante, uma vez que a obra contém várias expressões regionais e populares típicas do Norte de Portugal. Cada uma representava um pequeno desafio tradutório que exigia atenção especial. Este processo de documentação revelou-se fundamental para manter consistência ao longo da obra.

4.2 Desafios encontrados ao longo da tradução

4.2.1 Tradução dos testemunhos dos peregrinos

A obra divide-se em duas partes muito distintas. A primeira contém testemunhos reais de peregrinos que fizeram o Caminho de Santiago.

Os testemunhos tinham de manter a emoção e a naturalidade dos textos originais. Muitos peregrinos escrevem de forma espontânea, quase como falam, e essa espontaneidade é importante para transmitir a sinceridade das suas experiências. Traduzir palavra por palavra resultava frequentemente num texto que soava artificial em francês. Foi preciso repensar as frases, procurando formas francesas que dissessem o mesmo mas mantendo a naturalidade.

Um exemplo que me marcou foi a tradução de um testemunho que escreveu: "Gosto de passear, escutar e filtrar, das inúmeras caminhadas, trilhos e trilhadelas, o caminho apresentou-me sempre um Mestre ou Sensei". Esta frase usa três palavras parecidas para criar ritmo: "caminhadas" (genérico), "trilhos" (caminhos marcados) e "trilhadelas" (diminutivo). Em francês, tentei manter esse efeito: "J'aime me promener, écouter et filtrer, parmi les innombrables marches, sentiers et petites routes, le chemin m'a toujours présenté

un Maître ou un Sensei". Usei "marches" (genérico), "sentiers" (caminho natural) e "petites routes" (diminutivo), para manter o ritmo.

4.2.2 Expressões idiomáticas e provérbios regionais

As expressões idiomáticas revelaram-se um dos maiores desafios da tradução. Nestas situações, procurei compreender o sentido profundo da expressão e encontrar uma forma francesa que comunicasse a mesma ideia.

Um caso interessante foi o provérbio dos pimentos de Padrón: "lendas são lendas e tal como os pimentos padrão uns picam outros não". Este provérbio galego joga com o duplo sentido de "picar" - tanto o sabor picante como irritar alguém. Em francês, consegui manter o duplo sentido: "les légendes sont des légendes et, tout comme les piments de Padrón, certains piquent, d'autres non". O verbo "piquer" funciona da mesma forma em francês.

Mais complicada foi a expressão "puxar a brasa à sardinha", que significa promover o próprio interesse. O texto dizia: "Mirandés puxa a brasa não à sua sardinha, mas à sua posta". Há um jogo de palavras entre sardinha e posta. Como a expressão não existe em francês, explicito o sentido: "Mirandés ne fait pas la promotion de sa sardine, mais plutôt de son morceau de boeuf". Perdi parte do jogo de palavras, mas mantive a ironia e o contraste.

4.2.3 Frases longas na narrativa

A segunda parte da obra, com a narrativa ficcional, apresenta um estilo diferente. O autor usa frases longas e elaboradas que dão profundidade à história.

O desafio foi decidir, se mantinha a estrutura ou se a mudava. Quando uma frase longa ficava clara em francês, preferi mantê-la para preservar o ritmo do autor. Mas quando ficava confusa ou demasiado pesada, dividi-a em frases mais curtas ou mudei a estrutura.

Por exemplo, numa descrição de um Albergue, o autor escreve: "À esquerda uma sala com armários para as mochilas, seguido de uma pia lava pés, surge então uma cozinha e sala de refeições, tendo nas traseiras um simpático jardim para desfrutar, nos andares de cima as

casernas para simplesmente dormir e descansar". Esta frase longa tem várias orações seguidas descrevendo os espaços. Neste caso, optei por reestruturar, dividindo em três frases mais curtas: "À gauche, se trouve une pièce avec des armoires pour les sacs à dos, suivie d'un bassin pour laver les pieds. Puis apparut une cuisine et une salle à manger, avec à l'arrière un charmant jardin pour se détendre. Aux étages supérieurs, les dortoirs permettaient de simplement dormir et se reposer". Mantive a sequência espacial e a informação, mas tornei a leitura mais fluida.

4.2.4 Diálogos e diferenciação de registos

A gestão dos diálogos na narrativa ficcional constituiu um aspeto particularmente complexo do processo. O autor utiliza diálogos extensos entre as personagens para desenvolver a história e as relações entre elas. Em português, estes diálogos incluem marcadores de oralidade, interjeições e construções típicas da língua falada. A tradução exigiu encontrar equivalentes franceses que mantivessem o caráter oral e espontâneo sem soar artificial, prestando simultaneamente atenção às diferenças individuais entre personagens.

4.3 Processo de revisão

A fase de revisão foi essencial para a qualidade final do trabalho. Esta foi realizado algum tempo depois de concluir a tradução, permitindo ver o texto de forma mais objetiva.

Esta etapa teve vários objetivos: verificar se os termos foram traduzidos de forma consistente ao longo da obra, avaliar se as escolhas de tradução estavam adequadas, garantir a coerência da narrativa e do estilo, e verificar aspetos técnicos como pontuação, ortografia e formatação segundo as regras francesas.

O processo de revisão permitiu avaliar criticamente o trabalho realizado e identificar aspetos que podiam ser melhorados. Como em qualquer tradução de grande dimensão, a revisão é um momento essencial para assegurar a qualidade e coerência global do texto, permitindo refinar escolhas e harmonizar soluções ao longo de toda a obra.

Uma dificuldade da revisão do próprio trabalho é manter o distanciamento crítico. Após um período longo de trabalho intenso na tradução, torna-se mais difícil avaliar objetivamente as

próprias escolhas. Para resolver esta dificuldade, a estratégia adotada foi fazer pausas entre a revisão de diferentes secções da obra, permitindo regressar ao texto com um olhar mais fresco.

A revisão concentrou-se também em aspetos técnicos importantes. A pontuação foi verificada tendo em conta as regras francesas, que são diferentes das regras portuguesas em vários aspetos. Confirmou-se a ortografia de nomes próprios e topónimos. Verificaram-se as referências cruzadas entre diferentes partes da obra, garantindo que elementos que aparecem em várias secções eram tratados de forma coerente ao longo da tradução.

Uma técnica que se revelou muito útil foi a leitura em voz alta de secções da tradução. Esta abordagem permite avaliar o ritmo e a fluência do texto francês de uma forma que a leitura silenciosa não permite. Ler o texto em voz alta ajuda a identificar construções que, embora gramaticalmente corretas, podem soar pouco naturais em francês.

Capítulo 5 – Estratégias de Tradução e Análise Comparativa

5.1 Terminologia Jacobea e Referências Culturais

5.1.1 Vocabulário técnico do Caminho

O vocabulário jacobeu constituiu um dos primeiros desafios. Alguns termos têm equivalentes diretos estabelecidos em francês. Outros exigiram decisões mais complexas.

Termos com equivalente direto:

Muitas palavras centrais da terminologia jacobea possuem traduções consagradas na literatura francesa sobre o tema. Não havia margem para hesitação.

Original	Tradução	Observações
Peregrino p1	Pèlerin	A palavra em francês tem exatamente o mesmo sentido e é comum em textos sobre o Caminho.
Albergue p25	Auberge	Em francês, na tradição jacobea “auberge” refere-se especificamente aos albergues de peregrinos, conforme guias e testemunhos franceses.
Credencial p75	Crédenciale	Mantém a forma e função original; termo técnico reconhecido nos documentos oficiais do Caminho em francês.
Carimbo p75	Tampon	Nome comum em francês para o carimbo que se usa na credencial do peregrino.
Hospitaleiro p106	Hospitalier	“Hospitalier” em francês refere-se de forma simples à pessoa que acolhe peregrinos, tal como em português.

Estes casos não apresentaram dificuldade real. A terminologia jacobea francesa está bem estabelecida. Os guias, a literatura especializada e os próprios albergues usam estes termos de forma consistente.

Caminho vs. Camiño vs. Chemin:

A tradução dos termos relacionados com "caminho" revelou-se mais complexa. O autor usa tanto "Caminho" (português) como "Camiño" (galego/espanhol). Era preciso decidir quando manter cada termo.

Exemplo 1:

Original: *"Quanto au Camiño d'Oviedo para Compostela"* p290

Tradução: *"Quant au Camiño d'Oviedo à Compostelle"*

O autor utiliza explicitamente "Camiño" no original para designar uma rota oficial de peregrinação. A manutenção do termo respeita essa escolha e reforça o vínculo com a tradição jacobea. O termo é reconhecido internacionalmente e dispensa tradução, funcionando como topónimo consagrado.

Exemplo 2:

Original: "Em 16 de abril de 2018, [...] eu, a Teresa Afonso e a Cátia Figueiredo programamos a nossa ida a Santiago de Compostela, pelo Caminho Central Português com início em Valença, fronteira de Portugal e Espanha." p52

Tradução: *" Le 16 avril 2018, [...] moi, Teresa Afonso et Cátia Figueiredo avons programmé notre voyage vers Saint-Jacques-de- Compostelle, le long du Chemin Central Portugais en partant de Valença, la frontière entre le Portugal et l'Espagne."*

Neste caso, o autor emprega "Caminho" (português) para identificar um percurso específico. A tradução por Chemin respeita a norma francesa para designação de itinerários jacobeus e facilita a identificação geográfica para o leitor francês.

Exemplo 3:

Original: "o caminho é como a vida, tem os seus obstáculos, e sabemos que ao caminhar os vamos enfrentar, sejam eles - dores, cansaço, chuva, frio" p90

Tradução: "le chemin est comme la vie, il a ses obstacles, et nous savons qu'en marchant nous les affronterons, que ce soit la douleur, la fatigue, la pluie, le froid"

Aqui, o termo "caminho" surge num contexto metafórico e genérico, não se referindo a nenhum percurso específico. A tradução literal por chemin é a mais adequada, pois preserva o sentido comparativo da frase e garante a fluidez em francês.

5.1.2 Referências Geográficas e Históricas

A tradução das referências geográficas e históricas exige equilíbrio entre fidelidade ao texto-origem e clareza para o leitor francês. Nesta secção, analisam-se três casos representativos, justificando cada escolha e apresentando exemplos reais.

Topónimos maiores:

Original	Tradução	Justificação
Braga p145	Braga	Preserva-se o topónimo sem tradução por ser um nome próprio consolidado e reconhecido internacionalmente, mantendo a identidade local e evitando confusões toponímicas.
Galiza p75	Galice	Adaptação ao francês. Garante que o leitor associe imediatamente o termo à região autónoma da Península Ibérica, sem alterar o seu significado original.
Astúrias p285	Asturies	Utilizei “Asturies” porque a tradução já é utilizada em francês e torna a leitura mais natural.

Localidades menores

Exemplo 1:

Original: “Vale de Telhas era uma antiga cidade romana” p213

Tradução: “Vale de Telhas était une ancienne ville romaine”

Neste caso, não há tradução francesa para “Vale de Telhas”, portanto mantive o termo original e na obra original já era especificado que é uma antiga cidade romana o que ajuda a situar o leitor francês.

Exemplo 2:

Original: “Quando ela embarcou em Redondela para regressar ao Porto” p70

Tradução: “Lorsqu'elle a embarqué à Redondela pour retourner à Porto”

Conservei o nome próprio da vila galega tal como aparece no original, garantindo a identificação correta do local pelos leitores e peregrinos franceses.

Referências históricas

Original: “recriando o mesmo percurso que el rei asturiano Afonso II” p296

Tradução: “recréant le même parcours que le roi asturien Alphonse II”

Optei por traduzir “Afonso II” como “Alphonse II” porque esta é a forma tradicional usada em francês para designar o rei asturiano. Essa adaptação facilita o reconhecimento da figura histórica pelo leitor francês e segue o costume da língua de chegada de traduzir nomes de reis e personagens históricos quando existe uma forma consagrada. Assim, a tradução mantém o mesmo sentido e garante uma leitura mais clara e natural, sem alterar o conteúdo original.

5.2 Expressões Idiomáticas e Provérbios

A tradução de expressões idiomáticas foi um dos aspetos mais desafiantes deste trabalho. Algumas destas expressões não podem ser traduzidas palavra por palavra porque perdem o sentido. Ao mesmo tempo, é preciso encontrar soluções que soem naturais em francês e que mantenham a intenção do autor.

Exemplo 1:

Original: “Uma vez peregrino, toda a vida peregrino” p29

Tradução: “Pèlerin un jour, pèlerin toujours”

Esta expressão aparece num testemunho sobre a experiência do Caminho de Santiago. A ideia central é que fazer a peregrinação marca a pessoa de tal forma que essa experiência passa a fazer parte da sua identidade para sempre.

Optei por adaptar a estrutura. Em vez de traduzir literalmente (o que daria algo como "une fois pèlerin, toute la vie pèlerin"), usei uma construção que já existe em francês “un jour...toujours”. Esta fórmula é comum em francês para expressar que algo não muda, que fica marcado permanentemente.

Neste caso, uma tradução literal teria sido perfeitamente compreensível, mas não teria o mesmo impacto. Esta versão tem mais impacto porque os franceses reconhecem esta estrutura tendo em conta que já a ouviram noutros contextos. Esta adaptação segue a ideia de equivalência funcional priorizando o efeito no leitor e não a tradução literal.

Exemplo 2:

Original: "Lendas são lendas e tal como os pimentos de Padrón uns picam outros não" p284

Tradução: “les légendes sont des légendes et, tout comme les piments de Padrón, certains piquent, d'autres non.”

Este caso tinha dois desafios. Primeiro, pela referência cultural aos pimentos Padrón, que são famosos na Galiza. Segundo, pelo duplo significado do verbo “picar”, como metáfora para falar das lendas. Tal como há pimentos que "picam" e outros que não, também há lendas que "picam" (impressionam-nos) e outras que não. Decidi manter a estrutura original. Mantive “piments de Padrón” sem traduzir porque é uma referência que faz sentido num livro sobre o Caminho de Santiago - quem conhece a região sabe da fama destes pimentos. O verbo “piquer” em francês funciona neste caso. No sentido literal, refere-se ao sabor picante. Mas, tal como em português, também pode funcionar metaforicamente - algo que "pica" a nossa curiosidade ou nos incomoda.

Esta opção de manter a referência cultural local segue o princípio da estrangeirização. Num livro sobre o Caminho de Santiago, estas referências regionais fazem parte da experiência que se quer transmitir.

Exemplo 3:

Original: “É de ficar com água na boca...” p370

Tradução: “Ça donne vraiment l'eau à la bouche...”

Este caso foi mais simples, já que a expressão existe em francês "donner l'eau à la bouche". Tem exatamente o mesmo significado, ou seja, usado para descrever algo muito apetitoso. É um dos casos raros de expressão em que o português e o francês partilham exatamente a mesma estrutura para descrever uma sensação.

5.3 Termos gastronómicos e tradições populares

Ao traduzir esta obra, encontrei vários elementos gastronómicos e tradições culturais sem equivalente direto em francês. Não se trata apenas de palavras difíceis de traduzir, mas de realidades que fazem parte da identidade portuguesa e galega. A questão era: como traduzir estes elementos sem apagar a sua especificidade cultural, mas também sem deixar o leitor francês perdido?

Optei por uma estratégia de equilíbrio. Em vez de adaptar tudo ao francês ou deixar tudo em português sem explicação, decidi manter os nomes originais sempre que o contexto fornecesse informação suficiente para o leitor compreender do que se tratava.

Exemplo 1

Original: "Posta à mirandesa" p214

Tradução: "*Posta à mirandesa*"

A posta à mirandesa aparece na obra quando se descreve a gastronomia de Trás-os-Montes, especialmente da região de Miranda do Douro. Trata-se de um símbolo regional e que está ligado às tradições culinárias transmontanas.

A primeira hipótese que considerei foi traduzir de forma descritiva: bifeck de bœuf grillé ou algo semelhante. Mas isto apagaria completamente a referência cultural. Para além disso, no paragrafo no qual o termo é mencionado pela primeira vez, é especificado que é “um pedaço de carne local”. Por isso, a solução que encontrei foi manter o nome original em itálico: *Posta à mirandesa*. O leitor francês percebe que se trata de uma especialidade gastronómica local, mesmo sem explicação adicional.

Esta estratégia segue o princípio da estrangeirização ao manter elementos da cultura de origem visíveis na tradução.

Exemplo 2

Original: “Queimada Galega” p279

Tradução: “*Queimada Galega*”

A queimada galega é uma bebida tradicional da Galiza e do norte de Portugal feita com aguardente e cuja preparação exige um ritual. Na obra, o ritual é descrito e o leitor percebe o significado e que se refere a uma bebida. Por isso, mantive o termo na sua forma original, de forma a preservar o valor cultural e simbólico.

Exemplo 3

Original: “Pauliteiros de Miranda” p370

Tradução: “Pauliteiros de Miranda”

Os Pauliteiros de Miranda são um grupo folclórico único da região de Miranda do Douro, conhecido pela dança tradicional com paus. Mantive o nome original por três razões. Primeiro, traduzir como danseurs aux bâtons de Miranda apagaria a identidade específica desta tradição. Segundo, no contexto da peregrinação a Santiago, manter estas diferenças culturais valoriza a autenticidade da experiência. Terceiro, como o texto original já explica em que consiste o ritual, o leitor francês consegue compreender sem necessidade de adaptação.

5.4 Complexidade Sintática e Adaptação Estilística

Exemplo 1

Original: “Ao final da tarde a fome já apertava, entra então no bar do Quartel, a menina questiona o que vai comer? António responde que queria um prego de frango com queijo e fiambre.” p187

Tradução: “En fin d'après-midi, la faim se faisait déjà sentir. Il entra alors dans le bar Quartel et la serveuse lui demanda ce qu'il allait manger. António répond qu'il voulait un steak au poulet avec du fromage et du jambon.”

Neste exemplo, deparei-me com uma frase longa típica do estilo do autor - várias ações encadeadas por vírgulas, sem pontos finais a separar claramente cada momento. Em português, esta estrutura funciona e cria um ritmo de continuidade narrativa. No entanto, em francês, frases demasiado longas ligadas apenas por vírgulas tendem a soar confusas ou mesmo incorretas.

Por isso, dividi o que era uma sequência longa numa estrutura mais pontuada: três frases independentes com pontos finais. Esta decisão permitiu que cada ação tivesse o seu momento - a fome que aperta, a entrada no bar, o pedido - tornando a leitura mais fluida para o leitor francês.

Exemplo 2

Original: “Dizia Alexandre, que caminhava com duas companheiras de ocasião, conhecia uma delas de vista, amiga de outros amigos em comum que consigo faziam *Trails*.” p121

Tradução: “Alexandre a déclaré qu'il marchait avec deux amies, dont l'une qu'il connaissait de vue, amie d'amis communs avec qui il faisait des Trails.”

Este exemplo mostra outro tipo de complexidade sintática: uma frase que acumula várias informações sem conectores claros. Em português, a compreensão é bastante simples. No entanto em francês

Original: “Foi através da ação do Santo Cavaleiro, que o rei da altura ditaria o voto a Santiago, como símbolo da luta contra o Islão, levando a que os cristãos da península ibérica

peregrinassem rumo à Galiza e Compostela, fazendo-se acompanhar de oferendas de agradecimentos ao Apóstolo pela sua intervenção divina.” p492

Tradução: “C’est grâce à l’action de ce saint chevalier que le roi de l’époque aurait formulé le vœu à Saint-Jacques, symbole de la lutte contre l’Islam, incitant les chrétiens de la péninsule Ibérique à se diriger en pèlerinage vers la Galice et Compostelle, accompagnés d’offrandes en remerciement à l’Apôtre pour son intervention divine.”

Esta tradução foi pensada para soar natural aos ouvidos de um leitor francês, respeitando tanto o conteúdo histórico e religioso do original quanto o estilo narrativo da obra. A escolha de “C’est grâce à l’action de ce saint chevalier” substitui a estrutura mais pesada do português “foi através da ação”, mantendo o tom solene, mas de forma direta e fluida. Em francês, esta expressão reforça a relação de causa e efeito e evita construções invertidas que soariam artificiais.

O verbo “aurait formulé le vœu” também contribui para essa naturalidade. Em francês, é a forma idiomática para expressar uma promessa ou voto religioso, enquanto o verbo “ditar”, se traduzido literalmente, daria uma conotação autoritária inadequada. O uso do condicional atenua a afirmação, conferindo-lhe um tom narrativo adequado a um contexto histórico.

Dessa forma, a tradução não apenas transmite o sentido literal, mas também preserva o ritmo e o tom da narração. O equilíbrio entre precisão e naturalidade permite que a passagem soe autêntica para o leitor francês, sem parecer uma construção traduzida. Ao escolher construções adequadas à língua de chegada, a tradução cumpre o seu objetivo: oferecer uma leitura clara e natural, que preserve o sentido, o estilo e o valor simbólico do texto original.

Conclusão

O principal objetivo deste trabalho foi traduzir e analisar o livro "O Outro Lado do Caminho — Codex Calixtinus", de Carlos Alexandre Barbosa Clemente, do português para o francês. Ao longo do projeto, refletiu-se sobre as dificuldades encontradas, as escolhas feitas e as estratégias necessárias para adaptar uma obra com tantos estilos e temas a outra língua e cultura. O percurso mostrou que traduzir literatura vai muito além de trocar palavras; é um trabalho exigente que também envolve questões culturais, éticas e de comunicação.

A análise feita neste projeto mostrou que a tradução literária pede ao tradutor muito mais do que conhecer as línguas. É preciso também sensibilidade cultural e capacidade para tomar boas decisões quando surgem dificuldades ao longo do trabalho. No caso desta obra, o texto mistura diferentes tipos de escrita — relatos de peregrinos, ficção e investigação histórica —, o que tornou o trabalho ainda mais exigente e obrigou a usar estratégias diferentes para cada tipo de texto.

Do ponto de vista teórico, o trabalho seguiu principalmente as ideias do funcionalismo, especialmente o modelo de Christiane Nord, que se mostrou muito útil para lidar com um texto com várias funções e voltado para um novo público. Este modelo ajudou a identificar, antes de começar a tradução, os principais aspetos que influenciam o processo, a prever possíveis dificuldades e a escolher as melhores formas de as resolver. Essa preparação inicial foi essencial para garantir que o resultado fosse coerente e de qualidade.

Ao mesmo tempo, as ideias de Lawrence Venuti e Antoine Berman sobre domesticação e estrangeirização ajudaram a orientar as decisões culturais. Durante a tradução, foi importante encontrar um equilíbrio entre aproximar o texto da cultura francesa, tornando-o fácil de compreender, e manter os traços da cultura portuguesa, que dão autenticidade ao livro. Essa tensão ficou bastante evidente ao traduzir elementos culturais, expressões típicas e referências à gastronomia e às tradições portuguesas.

A metodologia usada neste trabalho baseou-se numa leitura atenta da obra e do seu contexto, complementada por pesquisa e recolha de informação útil. Este processo permitiu compreender melhor as principais características do texto e prever possíveis dificuldades de tradução. Foram criadas várias ferramentas de apoio, como glossários com termos

relacionados com o Caminho de Santiago, listas de nomes de lugares e conjuntos de expressões idiomáticas. Estas ferramentas ajudaram a manter a coerência ao longo de todo o trabalho e também serviram para refletir com mais cuidado sobre as escolhas feitas durante a tradução.

O processo de tradução confirmou muitos dos desafios que tinham sido identificados antes, mas também trouxe outros imprevistos que exigiram soluções criativas. A tradução dos testemunhos de peregrinos precisou de especial atenção para preservar a naturalidade e a emoção dos textos originais, evitando que soassem forçados em francês. Em vários casos, foi necessário reformular frases inteiras, procurando expressões francesas que transmitissem o mesmo sentimento e mensagem, mas respeitando o ritmo e as convenções da língua de chegada.

As expressões idiomáticas e provérbios regionais foram um dos aspetos mais difíceis de traduzir. Muitas vezes não existiam equivalentes diretos em francês, sendo necessário compreender o verdadeiro sentido da expressão em português e encontrar uma forma francesa que transmitisse a mesma ideia. Algumas soluções privilegiaram a adaptação funcional, enquanto outras mantiveram traços da cultura original, para preservar a autenticidade do texto. Cada escolha exigiu uma análise atenta do contexto, da função da expressão e do tipo de público a quem a tradução se destina.

A complexidade das frases do autor foi outro desafio importante. Frases longas e detalhadas que dão profundidade ao texto, mas que nem sempre se podiam manter na mesma forma em francês sem perder a clareza. Foi preciso equilibrar o estilo do autor e adaptar a estrutura às convenções do francês, garantindo que o texto fosse claro e fluente. A tradução dos nomes e conceitos do Caminho de Santiago foi, geralmente, menos difícil, já que o francês tem terminologia própria para a peregrinação.

Os nomes de lugares e referências históricas exigiram pesquisa e verificação. Os nomes de cidades maiores foram adaptados quando havia equivalentes usados em francês, outros mantiveram a forma original. Nomes de reis e figuras históricas foram traduzidos quando existia uma forma consagrada, facilitando a compreensão para o público francês. Elementos gastronómicos e tradições foram mantidos na forma original, preservando o valor cultural e simbólico.

A revisão foi essencial para o resultado final. Foi possível corrigir incoerências, garantir a consistência das escolhas e ajustar aspetos técnicos. A leitura em voz alta ajudou a avaliar o ritmo e a fluidez da tradução em francês.

Este trabalho mostra o valor da teoria na prática do tradutor. Modelos teóricos ajudam a analisar problemas e a tomar decisões informadas. A aplicação das teorias funcionais permitiu abordar o projeto de forma organizada, antecipando dificuldades e planificando estratégias para resolver questões culturais.

A tradução de “O Outro Lado do Caminho — Codex Calixtinus” para francês faz sentido pelo valor cultural do tema, aproxima tradições literárias portuguesa e francesa e permite que o público francófono conheça a perspetiva portuguesa sobre o Caminho de Santiago, enriquecendo o diálogo intercultural.

No plano académico, serviu para pôr em prática ideias dos Estudos da Tradução e aplicar diferentes estratégias conforme os géneros do texto. Mostrou que não há uma solução única, mas várias alternativas que dependem do contexto e dos objetivos do tradutor. Este projeto reforça que o tradutor não é apenas alguém que transporta palavras entre línguas. O tradutor é um mediador cultural que cria ligações entre pessoas e culturas, faz escolhas importantes e acrescenta valor ao património literário.

Bibliografia

- Alkhawaja, L. A. (2014). *The Role of Social Agents in the Translation into English of the Novels of Naguib Mahfouz*. Aston University.
- Baker, M. (2006). *Translation and Conflict: A Narrative Account*. Routledge.
- Bassnett, S. (2002). *Translation Studies*. Routledge.
- Bassnett, S. (2014). Translation and Interdisciplinarity: An Interview with Susan Bassnett. (L. Raw, Entrevistador)
- Bassnett, S., & Lefevere, A. (1990). *Translation, History and Culture*. Pinter Publishers.
- Berman, A. (1984). *L'épreuve de l'étranger*. Gallimard.
- Berman, A. (1989). La traduction et ses discours. *Les Presses de l'Université de Montréal*.
- Berman, A. (2009). A tradução e seus discursos. *ALEA: Estudos Neolatinos*, 341-353.
- Cronin, M. (2013). *Translation in the digital age*. Routledge.
- Gentzler, E. (2002). Translation, Postcolonial Studies, and the Americas. *EnterText*, 12-38.
- Holmes, J. (1988). *The Name and Nature of Translation Studies*. Rodopi.
- Mota, E. M. (2014). Estudos tradutivos: uma reflexão diacrónica. *Polissema – Revista de Letras do ISCAP*.
- Munday, J. (2016). *Introducing translation studies: Theories and applications*. Routledge.
- Nord, C. (2012). *Texto base, texto meta: Un modelo funcional de análisis pretraslativo (Judith Samblás Gómez, Trad.)*. Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Ožbot, M. (2015). Translation Studies – Interdisciplinary, Multidisciplinary or Transdisciplinary? *Meta Journal des traducteurs*.
- Pérez-González, L. (2014). *Audiovisual Translation: Theories, Methods and Issues*. Routledge.
- Pinilla, J. A. (2019). Por que a teoria da tradução é útil para os tradutores? *cadernos de Tradução*.
- Pym, A. (2014). *Exploring Translation Theories*. Routledge.
- Stervid, B. T. (2020). Do texto ao contexto: uma análise comparativa das abordagens descritiva e funcional dos Estudos da Tradução. *Pandaemonium Germanicum*, 1-24.
- Toury, G. (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. John Benjamins Publishing Company.
- Toury, G. (2012). Descriptive Translation Studies – and beyond. Em G. Toury, *Descriptive Translation Studies – and beyond* (pp. 1-21). John Benjamins Publishing Company.

Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Routledge.

Apêndices

Apêndice 1 – Tabela com Terminologia Jacobea e do Caminho

Termo Original (PT)	Localização na Obra	Equivalente Francês
Peregrino	p1	Pèlerin
Caminho	p1	Chemin
Codex Calixtinus	p1	Codex Calixtinus
Camiño	p5	Camino
Santiago de Compostela	p11	Saint-Jacques-de-Compostelle
Vieira	p12	Coquille Saint-Jacques
Albergue	p25	Auberge
Finisterra	p27	Finisterre
Botafumeiro	p71	Botafumeiro
Carimbo	p75	Tampon
Credencial	p75	Crédenciale
Hospitaleiro	p106	Hospitalier

Apêndice 2 – Tabela de termos sobre Caminhos e Rotas de Peregrinação

Termo Original (PT)	Localização na Obra	Equivalente Francês
Caminho Francês	p26	Chemin Français
Cruz de Ferro	p27	Croix de Fer
Caminho da Costa	p38	Chemin de la Côte
Caminho Central Português	p52	Chemin Central Portugais
Caminho Português	p62	Chemin Portugais
Caminho Primitivo	p62	Chemin Primitif

Apêndice 3 – Tabela de Referências Geográficas

Termo Original (PT)	Localização na Obra	Equivalente Francês
Porto	p13	Porto
Vila do Conde	p13	Vila do Conde
Matosinhos	p13	Matosinhos
Fátima	p20	Fátima
Pirenéus	p25	Pyrénées
Ponferrada	p27	Ponferrada
Astorga	p27	Astorga

Valença	p32	Valença
São Pedro de Rates	p32	São Pedro de Rates
Tui	p32	Tui
Lisboa	p38	Lisbonne
Oviedo	p62	Oviedo
Redondela	p70	Redondela
Galiza	p75	Galice
Padrón	p76	Padrón
Saragoça	p133	Saragosse
Braga	p144	Braga
Bracara Augusta	p171	Bracara Augusta
Vale de Telhas	p213	Vale de Telhas
Miranda do Douro	p214	Miranda do Douro
Trás-os-Montes	p214	Trás-os-Montes
Astúrias	p285	Asturies
Ferrol	p1 parte 3	Ferrol
Corunha/La Coruña	p1 parte 3	La Corogne
Betanzos	p6 parte 3	Betanzos
Negreira	p527	Negreira

Apêndice 4 – Tabela de Termos Culturais, Históricos e Religiosos

Termo Original (PT)	Localização na Obra	Equivalente Francês
Vaticano	p133	Vatican
Santo Graal	p158	Saint Graal
Ordem dos Templários	p169	Ordre du Temple/Templiers
Jerusalém	p224	Jérusalem
Cruzadas	p247	Croisades
Terra Santa	p248	Terre Sainte
Afonso II	p292	Alphonse II
Pauliteiros de Miranda	p370	Pauliteiros de Miranda
Queimada galega	p379	Queimada galega
Cavaleiros Templários	p6 parte 3	Chevaliers Templiers
Sudário de Turim	p7 parte 3	Suaire de Turin
Batalha de Clavijo	p489	Bataille de Clavijo
Santiago Mata-Mouros	p491	Saint Jacques Matamore
Indulgência plenária	p518	Indulgence plénière
Pastel de nata	p587	Pastel de nata